

O CORPO DO DIABO: REPRESENTAÇÕES IMAGÉTICAS DO MAL NO FINAL DA IDADE MÉDIA

EL CUERPO DEL DIABLO: REPRESENTACIONES IMAGÉTICAS DEL MAL EN LA BAJA EDAD MEDIA

THE DEVIL'S BODY: IMAGETIC REPRESENTATIONS OF EVIL IN THE LATE MIDDLE AGES

Recebido em: 22/10/2024

Aceito em: 20/11/2024

Publicado em: 28/12/2024

Edison Bisso Cruxen¹
Universidade Federal do Pampa

Resumo: O presente artigo propõe apresentar uma pequena trajetória imagética da constituição da corporificação e personificação do Diabo, que se intensifica no final da Idade Média (séculos XIV e XV). O conceito de uma entidade tentadora da humanidade e opositora a Deus, sempre existiu na tradição judaico-cristã e contém um longo percurso histórico em sua construção imagética. O Diabo, tal como imaginado contemporaneamente, com suas características físicas e capacidades de intervenção e corrupção da Criação Divina, é fruto de um pensamento que se consolida na cristandade a partir do final da Idade Média. Neste período, a concepção de um Mal, quase independente da vontade de Deus, inicia sua ascensão, através da possibilidade da existência de um Complot Satânico, que com suas ações poderia levar a Igreja Católica à ruína. As representações imagéticas do Diabo, marcadas pela monstruosidade e terror, ambientadas em espaços infernais, configuram a pura essência do medo da condenação eterna.

Palavras-chave: Diabo; Representações do Mal; Fontes Imagéticas.

Resumen: El presente artículo propone presentar una breve trayectoria imagética de la constitución de la corporificación y personificación del Diablo, que se intensifica al final de la Edad Media (siglos XIV y XV). El concepto de una entidad tentadora de la humanidad y opositora a Dios siempre ha existido en la tradición judeocristiana y contiene un largo recorrido histórico en su construcción imagética. El Diablo, tal como es imaginado contemporáneamente, con sus características físicas y capacidades de intervención y corrupción de la Creación Divina, es fruto de un pensamiento que se consolida en la cristiandad a partir del final de la Edad Media. En este período, la concepción de un Mal, casi independiente de la voluntad de Dios, inicia su ascenso, a través de la posibilidad de la existencia de un Complot Satánico, que con sus acciones podría llevar a la Iglesia Católica a la ruina. Las representaciones imagéticas del Diablo, marcadas por la monstruosidad y el terror, ambientadas en espacios infernales, configuran la pura esencia del miedo a la condenación eterna.

Palabras clave: Diablo; Representaciones del Mal; Fuentes Imagéticas.

Abstract: This article proposes a brief imagistic trajectory of the embodiment and personification of the Devil, which intensified at the end of the Middle Ages (14th and 15th centuries). The concept of an entity tempting humanity and opposing God has always existed in the Judeo-Christian tradition and encompasses a long historical path in its imagistic construction. The Devil, as imagined contemporarily, with his physical characteristics and ability to intervene in and corrupt Divine Creation, is the result of a thought that was consolidated in Christianity from the end of the Middle Ages. During this period, the conception of evil (lowercase), almost independent of God's will, began its rise, through the possibility of the existence of a Satanic Conspiracy that, through its actions, could lead the Catholic Church to ruin. The imagistic representations of the Devil, marked by monstrosity and terror, set in infernal spaces, configure the pure essence of the fear of eternal damnation.

Keywords: Devil; Representations of Evil; Imagetic Sources.

¹ Doutor em História pela PUCRS. Professor Adjunto do Curso de História da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA); Coordenador do Laboratório de Pesquisas e Estudos em História Medieval (LAPEHME/UNIPAMPA). E-mail: edisoncruxen@unipampa.edu.br

INTRODUÇÃO

Atualmente, o objeto de pesquisa Diabo, enquanto construção histórica e social, tem conhecido grande desenvolvimento e atraído o interesse de muitos historiadores². Na reflexão sobre as origens e ações do mal sobre a criação divina encontra-se um fértil e interessante tema investigativo que permite acessar conjuntos de crenças populares e eruditas que influenciaram, profundamente, o funcionamento das sociedades pré-industriais (GINZBURG, 2007). As fontes imagéticas demoníacas e infernais proporcionam pensar as ressignificações do medo (DELUMEAU, 2009), as formas de controle, relações de poder e também as fugas, resistências e contestações contra as autoridades clericais e laicas durante séculos (BOUCHERON, 2018).

A importância do Diabo no imaginário da sociedade cristã-ocidental encontra-se no longo e intencional processo de construção de sua história e imagem, que perdura há mais de mil anos. Segundo Le Goff (2011), o imaginário remete à imaginação, a criação e uso de imagens que fazem uma sociedade agir e pensar, impregnando-a e animando-a. O imaginário medieval estaria entre a história e a lenda, entre a realidade e a imaginação, construindo um mundo misto “que constitui o tecido da realidade cuja origem se encontra na irrealidade dos seres que seduzem a imaginação dos homens e mulheres [...]” (LE GOFF, 2011, p. 15).

Na cristandade ocidental o Diabo passou por reformulações conceituais e de representações conforme as transformações sofridas pelas sociedades. Com maior ou menor impacto, com capacidade de aterrorizar, contestar ou simplesmente divertir, ao longo de séculos o Diabo se enraizou profundamente na cultura erudita religiosa, na cultura das tradições populares e em diversas expressões da produção artística, tanto doutrinária como de puro entretenimento. Contemporaneamente, encontramos diversas ressignificações dessa entidade, na maioria das vezes, fora do âmbito religioso e vinculadas a grande mídia (séries de televisão, filmes, internet, games, quadrinhos e animações).

O DIABO ENQUANTO OBJETO DE PESQUISA

O Diabo constitui-se em objeto de pesquisa multifacetado que possibilita abranger diversos temas, em vários recortes temporais e espaciais (Europa e América, História Medieval e Moderna, Catolicismo e Protestantismo) a partir das abordagens da História, Filosofia, Direito

² BOUREAU, 2016 – Satã Herético; KELLY, 2008 - Satã: Uma Biografia; CLARK, 2006 – Pensando com demônios; RUSSEL, 2003 - Lúcifer: O Diabo na Idade Média; STANFORD, 2003 - O Diabo: Uma Biografia; MINOIS, 2003a – O Diabo: Origem e evolução histórica; NOGUEIRA, 2002 – O diabo no imaginário cristão; ROBERT, 2001 - Uma História do Diabo: Séculos XII-XX; LINK, 1998 – O diabo: a máscara sem rosto; KAPPLER, 1993 – Monstros, Demônios e Encantamentos no Fim da Idade Média, dentre outros.

Canônico, Cultura Popular, Produção Intelectual e Tradadística³. A investigação sobre as representações diabólicas serve como “nó” que amarra objetos de estudos históricos como a Inquisição, bruxaria, grupos heréticos, permanências do paganismo no cristianismo, instrumentos ideológicos de poder/controlado nas sociedades medievais e modernas e a apropriação desta entidade por um amplo espectro das artes: imagens, teatro, literatura, música... dentre outras.

A imagem do Diabo trata-se de objeto de pesquisa que remete à formação de grupos marginais que podiam ser culpabilizados, perseguidos e, mesmo, executados pelas autoridades civis e religiosas, sem que ninguém levantasse a voz para protegê-los. A demonização corresponde à ação de impor características essenciais da maldade e perversidade demoníaca a seres ou mesmo objetos. O demonizado transforma-se em agente de ações malignas que prejudicam a todos, causando divisões, violência, doenças, fomes, secas, dentre tantos outros malefícios. Neste caso, cabe às autoridades instituídas não apenas o direito, mas o (sagrado) dever de identificar e extirpar tais indivíduos ou grupos do seio da sociedade, restituindo o equilíbrio e a segurança. Ao longo da História a necessidade de criação de “bodes expiatórios” sempre foi uma constante para as estruturas de poder (RICHARDS, 1997; GINZBURG, 2007).

BREVE HISTÓRICO IMAGÉTICO

Embora o Universo esteja envolvido em uma disputa entre o Criador e seu Opositor, a religião católica não pode ser definida como dualista ou maniqueísta, pois tudo provém de Deus, tudo foi por Ele criado. Não existe uma criação independente de Sua vontade para o mal. Lucifer, Satã e os demônios também são suas criaturas e, embora tenham vasto campo de atuação, não podem atuar sem sua permissão. Entretanto, a partir do século XIV, a personificação do mal se apresenta como uma potência parcialmente autônoma, que ao longo de duzentos anos ganhou um dos papéis centrais na doutrina católica (CABRAL; REZENDE, 2012). Mesmo estando presente nos fundamentos do judaísmo e cristianismo, a corporificação do mal só começa a ganhar suas representações imagéticas a partir do século XI. Antes desse período o Diabo existe enquanto criatura espiritual nos registros textuais sagrados e teológicos, mas sem uma personificação. A partir do século XI se inicia uma longa e lenta construção das características físicas próprias do grande Opositor de Deus.

³ Dentre outros: AGOSTINHO, Século VI - A Natureza do Bem; AQUINO, 1272 - De Malo (Sobre o Mal), Suma Teológica; EYMERICH, 1376/1578 - Directorium Inquisitorum (Manual dos Inquisidores); KRAMER; SPRENGER, 1487 - Malleus Maleficarum (O Martelo das Feiticeiras); PAPA JOÃO XXII, 1326 - Super Illius Specula, Bula Papal; PLANCY, 1863 (Dicionário Infernal).

IMAGEM 1 - CRISTO BOM PASTOR, IGREJA DE SAN APOLLINARE NUOVO DE RAVENA/ITÁLIA, MOSAICO DO SÉCULO VI.



Fonte: Site do Metropolitan Museum⁴

E posicionará as ovelhas à sua direita e os bodes à sua esquerda. Então, dirá o Rei a todos que estiverem à sua direita: ‘Vinde, abençoados de meu Pai! Recebei como herança o Reino, o qual vos foi preparado desde a fundação do mundo [...] Mas o Rei ordenará aos que estiverem à sua esquerda: ‘Malditos! Apartai-vos de mim. Ide para o fogo eterno, preparado para o Diabo e os seus anjos” (BÍBLIA SAGRADA; MATEUS, 25: v. 31-34).

Ao contrário do que possa parecer, em uma primeira observação, o Diabo está representado pela cor azul violeta, compreendida como escura, ausente de luz. Ele está colocado à esquerda de Jesus Cristo, junto aos bodes. No século VI ainda não há uma caracterização física assustadora e pervertida do Anjo Caído, este mal é representado a partir de uma perspectiva teológica. À direita de Jesus, junto às ovelhas, se encontra um anjo vestido de vermelho, que remete ao fogo, a luz, a ação divina, a purificação e a salvação.

No Séc. II a.C., a literatura apócrifa judaica, Livro de Henoc, marca a entrada do mal no Universo, com o relato da Queda dos Anjos. Os anjos do Senhor, seduzidos pela beleza das mulheres terrenas, tem desejos carnavais e descendem dos céus. No Séc. IV d.C., no cristianismo, se introduz o Orgulho de Lúcifer e seu desejo de “Ter Graça” independente da Graça de Deus (CABRAL; REZENDE, 2012).

⁴Disponível em: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/466573>. Acesso em: 12 jun. 2024.

IMAGEM 2 - DECAÍDOS, LES TRÈS RICHES HEURES DU DUC DE BERRY, IRMÃOS LIMBOURG, 1413.



Fonte: Musée Condé, Chantilly, França⁵

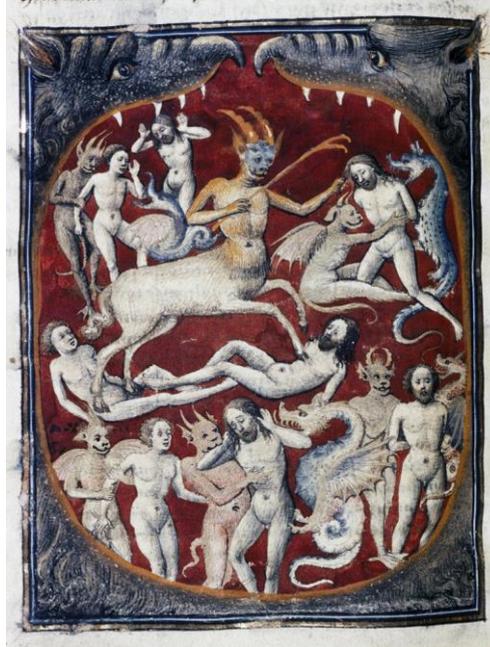
Na Imagem 2, os anjos decaídos são representados em forma humana, com longas túnicas de intenso azul celestial e asas emplumadas douradas. A pele da face dos vencidos é clara, com aspecto muito delicado e suas cabeças tem cachos de cabelos loiros dourados. Nesta imagem temos o paradoxo anjo-demônio, sem a aparência da besta aterrorizante e repulsiva. Este é o momento em que Lúcifer e seus seguidores são banidos do Céu e precipitados na Terra, onde devem permanecer aprisionados. Lúcifer e outros revoltosos, ainda com luminosa e bela aparência angelical caem do firmamento e ao encostarem na Terra ardem em chamas. Aquele que foi o Príncipe dos Anjos chega coroadado ao seu exílio, para tornar-se o Senhor deste Mundo. Junto com o líder Lúcifer, um terço de todos os anjos também são expulsos e se transformarão em demônios.

Até o século XI as reminiscências das divindades pagãs ainda perduravam na cultura e religiosidade, principalmente no campo. Estas divindades faziam forte concorrência com o Diabo católico que tinha seu poder de advertência e medo dissipados. A Igreja neutralizou paulatinamente essas manifestações pré-cristãs remanescentes, reagrupando-as na construção da imagem do Diabo ou colocando-as sob seu controle, como superstições e demônios (LE GOFF, 2010). Uma vez que as descrições da aparência física da entidade maligna eram raras na literatura religiosa, faltava um modelo pictórico de configuração (BASCHET, 2006). A Igreja diabolizou as antigas divindades reutilizando suas características físicas para constituir a

⁵ Disponível em: <https://bit.ly/2MwFidm> Acesso em: 12 nov. 2024.

visualização do Diabo. A disseminação e detalhamento da representação imagética do Opositor (Satã, Lúcifer, Demônio, Diabo) passou a povoar o cotidiano das pessoas, entranhando-se em seus espíritos e mentes (LINK, 1998). Na Imagem 3, abaixo, um centauro, ser mitológico da cultura greco-romana pré-cristã, é demonizado e apresentado no inferno supliciado as almas condenadas. Os centauros foram ressignificados como símbolo de desejo carnal e luxúria (CAEIRO, 2022).

IMAGEM 3 - CENTAURO. GRAVURA DO LE LIVRE DE LA VIGNE NOSTRE SEIGNEUR, FRANÇA, SÉCULO XV.



Fonte: Biblioteca Bodleiana, Inglaterra⁶

No século XI o Diabo era normalmente representado como humanoide, um tipo de “duende” corcunda, com aparência desprezível, andrajoso, gerando mais aversão do que propriamente medo. Normalmente eram pretos e escuros, mas também pálidos, apresentando a cor dos mortos. Seus corpos estavam nus ou de tanga, simbolizando a sexualidade e a luxúria. No século XII começou a ser representado em forma humana e bonita, agradável, remetendo a sua origem como anjo de luz e beleza celestial, mas também se inicia a representação da perversão da sua alma, através da animalidade de seu corpo, apresentando garras e presas (RUSSEL, 2003).

A partir do século XIII intensificam-se, progressivamente, as características de hibridismo e animalidade, com chifres, rabos, corpo peludo e asas (de pluma angelical ou de

⁶ Disponível em: <https://monsterbrains.blogspot.com/2014/11/demons-from-livre-de-la-vigne-nostre.html>. Acesso em: 12 nov. 2024

morcego infernal), como pode ser observado na famosa imagem do demônio do Codex Gigas (Imagem 3), de 1230, atualmente na Biblioteca Nacional da Suécia, em Estocolmo. O corpo humano, as garras de ave de rapina, os chifres, as escamas e as duas línguas reptilianas, fazem desse Diabo uma aberração antinatural, desarmônica e bestializada. Um hibridismo que reforça sua vinculação com o mal. Garras, chifres e línguas vermelhas remetem ao sangue, a violência, ao fogo e à luxúria. Segundo Boucheron (2018), na Idade Média a cor verde, presente na face da criatura, representava a inconstância, transgressão e infidelidade.

IMAGEM 4 - DEMÔNIO DO CODEX GIGAS, FÓLIO 577, BOÊMIA, 1230.



Fonte: Biblioteca Nacional, Estocolmo/Suécia⁷

A partir do século XIV, torna-se cada vez mais grotesco, monstruoso, deformado e agressivo, com multiplicação de chifres e faces por todo seu corpo, nos joelhos, na barriga, nos cotovelos e nas nádegas. Suas características predatórias e mortíferas se acentuam ao máximo (RUSSELL, 2003). Um exemplo dessa configuração do Diabo está na iluminura da obra *Le Livre de la Vigne nostre Seigneur* (Imagem 5), do século XV (“A Espera do Juízo Final”), que atualmente se encontra na Biblioteca Bodleiana, em Oxford (Inglaterra). A imagem apresenta as características de desarmonia, desequilíbrio e impureza que a personificação do mal havia

⁷ Disponível em: <https://bit.ly/2ZYx153>. Acesso em: 12 nov. 2024.

adquirido nesse período, proliferando chifres, garras de ave, presas que se projetam para fora da boca e pelos escuros que o cobrem completamente. Onde deveria estar sua barriga se encontra a cabeça de um grande felino com chifres, que coloca a língua debochadamente para fora. A multiplicação de caras e bocas por todo corpo dos demônios evidencia uma oralidade agressiva que tudo devora (ZIERER, 2016).

IMAGEM 5 - ILUMINURA EM LE LIVRE DE LA VIGNE NOSTRE SEIGNEUR, FRANÇA, SÉCULO XV.



Fonte: Biblioteca Bodleiana, Oxford, Inglaterra⁸

Com suas múltiplas bocas, estes corpos dão a impressão de consumir ou regurgitar a si mesmos. Corpos que são metáforas do próprio pecado, que consome e emporcalha a alma. No século XV a representação imagética do mal é marcada pelo grande antagonismo com as representações do Bem, evidenciando a oposição entre Luz/Trevas, Harmonia/Desarmonia, Paz/Perturbação e Pureza/Hibridismo.

Entre os séculos XV e XVI, sua aparência complexifica-se com uma crescente quantidade de detalhes sórdidos e assustadores, de monstruosidade e terror, vinculados ao fortalecimento de uma Pedagogia do Medo⁹ cultivada pela Igreja Católica, como forma de

⁸ Disponível em: <https://bit.ly/3q0cmIp>. Acesso em: 12 nov. 2024.

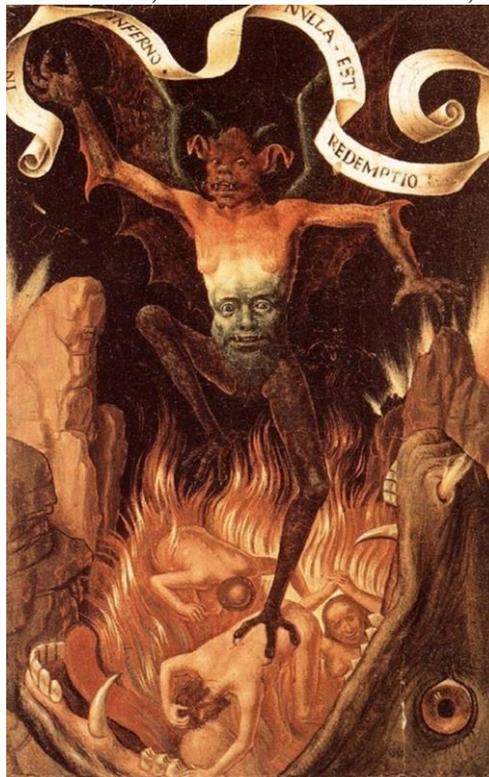
⁹ Uma forma de aprendizagem salvífica da alma, mais baseada no receio do castigo do que no desejo da recompensa. A Pedagogia do Medo tinha como fundamento o pânico da condenação eterna aos suplícios do Inferno. Este sentimento auxiliou o cristianismo a combater heresias e controlar fiéis. O “medo era considerado salutar, moralizante, pedagógico, algo que agia poderosamente para se evitar o pecado e praticar o bem” (COSTA; PEREIRA, 2016, s/p). Medo do pecado, da culpa, da morte, do Diabo e do Inferno. “O medo do inferno, que

DOI: <https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.418>

ISSN: 2447-0244

controle social. Neste período, o Diabo constitui-se numa entidade parcialmente autônoma em relação a Deus, sendo capaz de colocar em risco a própria criação Divina. Hans Memling, em 1485, em seu tríptico da “Vaidade Terrena e da Salvação Divina” (Imagem 4) pintou o Diabo nas portas do Inferno, hoje no Museu de Belas Artes de Estrasburgo (França). Nesta parte de seu trabalho o artista captou a essência do terror das trevas. Lúcifer preto (ira) e vermelho (luxúria) está inserido em um inframundo de oralidade devoradora, representado pela imensa e animalésca goela de um dragão cheia de almas perdidas. O inferno é apresentado como um lugar com intensas chamas, mas sem qualquer luz, um fogo não aquece, nem ilumina, apenas queima para purgar os pecados. Na faixa, acima do Diabo, está escrito “no Inferno não existe redenção”, esta era a mensagem de medo da Igreja.

IMAGEM 6 - DETALHE DO TRÍPTICO DA VAIDADE TERRENA E DA SALVAÇÃO DIVINA, DE HANS MEMLING, 1485.



Fonte: Museu de Belas Artes, Estrasburgo, França¹⁰

O mundo diabólico é posto sob o signo de uma oralidade devoradora. O próprio inferno é geralmente simbolizado pela imensa goela do Leviatã (Imagem 6). Entre os séculos XII e XIV multiplicam-se rostos e bocas no corpo dos demônios (Imagem 5), como o triunfo de uma

muitas vezes é mais forte que a esperança do paraíso, é um dos componentes fundamentais da psicologia e mentalidade medievais” (LE GOFF, 2009, p. 162).

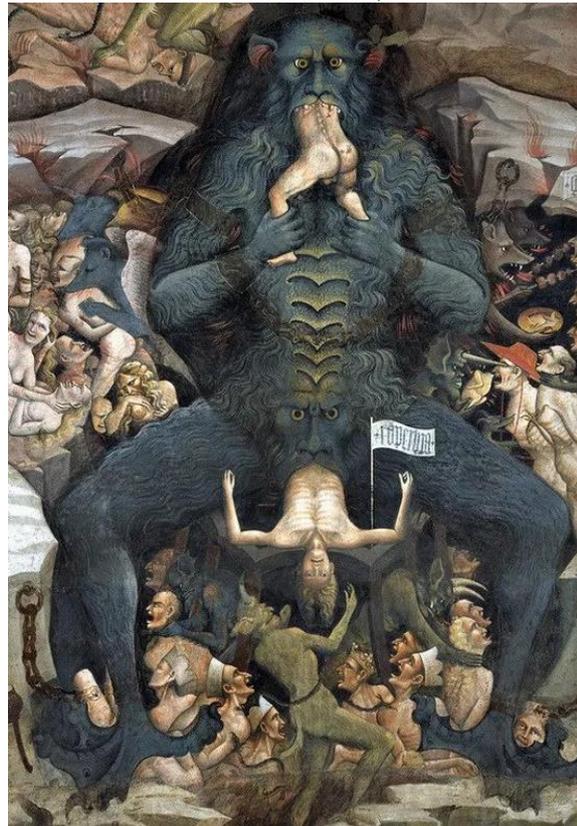
¹⁰ Disponível em: <https://bit.ly/2PgqAlt>. Acesso em: 12 nov. 2024.

DOI: <https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.418>

ISSN: 2447-0244

oralidade hostil. A Imagem 6 representa o ato de Lúcifer devorar e defecar as almas dos pecadores no Inferno. As almas pecaminosas, que em vida, se deixaram devorar pelos desejos e vícios, recebem seu merecido castigo nesta configuração escatológica de uma oralidade e analidade agressivas.

IMAGEM 7 - DETALHE DE O INFERNO, GIOVANNI FALOPPI, 1410.



Fonte: Basílica de São Petrônio, Itália¹¹

Defecar é a forma que o organismo tem de purgar o que é impróprio ao seu funcionamento. Urina e fezes representam resíduos que não podem ser aproveitados pelo corpo e são naturalmente expulsos, tratando-se de uma “ação de limpeza”. A representação imagética da defecação demoníaca, apresenta o processo de purificação da Criação Divina (BOTELHO, 2017, p.62).

¹¹ Disponível em: <https://cutt.ly/fz2zXJd> Acessado em: 12 nov. de 2024

IMAGEM 8 - MINIATURA DO TRACTATUS CONTRA SECTAM VALDENSIUM, FÓLIO 17, JOHANNES TINCTOR, SÉCULO XV.



Fonte: Biblioteca Nacional da França, Paris, França, ms.Fr.961¹²

A configuração da imagem do Diabo, a partir do século XIV, marca fortemente uma característica de anuidade, que remete a excreção e a indignidade (ZIERER, 2016). O *Osculum Infame*, ou beijo obsceno, seria uma saudação ritual ao Diabo, que teria o anus como sua outra boca. Esta era uma acusação típica dos inquisidores nos julgamentos por bruxaria, para aqueles que desejavam ser iniciados nas artes do Mal em um Sabá. Este beijo profano também teria a lógica de perverter, se opor, ao *Osculum Pacis*, ou *Osculum Santo*, mencionado diversas vezes por Jesus Cristo no Novo Testamento (BÍBLIA SAGRADA, TESSALONICENSES 1: v. 5-26, por exemplo), utilizado para demonstrar fraternidade e paz entre as pessoas. O beijo entre bruxas e o Diabo, representava a degradação do corpo por práticas repulsivas (RUSSEL; ALEXANDER, 2019). “Então eles lhe oferecem velas pretas como breu, ou 5 cordões de umbigo para bebês; e beijam suas nádegas em sinal de homenagem. Cometem estes e outros crimes semelhantes e abominações execráveis [...]” (GUAZZO, 1608/1929, p. 35).

¹² Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8449040g/f17.item>. Acesso em: 12 nov. 2024.

O Diabo, enquanto construção histórica e social apresenta muitas versões e utilizações. Há uma representação do Diabo carnavalesco, burlesco, cômico, utilizado no final da Idade Média (séculos XIV e XV) e no Renascimento, como símbolo de inversão social, onde a sátira e o ridículo prevaleciam. O tema teatral do Mal Ludibriado servia como “cano de escape” para as pressões cotidianas (fomes, doenças e explorações). Nesta versão, o Diabo virava motivo de chacota popular, divertindo feiras e festivais com a interpretação de atores que utilizavam falas debochadas e incompreensíveis, comportamento extravagante, gritos, mas também diálogos com escárnio e contestações abertas direcionadas às autoridades locais (MACEDO, 2000; MINOIS, 2003b).

Tratava-se de um Diabo “simpático”, que se encontrava na divisa entre a erudição da religião católica e o folclore das antigas tradições populares. Mesmo durante a representação da Paixão de Cristo, momento fundamentalmente sério e triste na sagrada história da vida e morte do Salvador, o Diabo apresentava-se como personagem zombeteiro, destacando-se no espetáculo, representando mais alegria do que ameaça. Estabelecia-se uma relação de proximidade com a entidade humanizada, que demonstrava várias fraquezas. O riso gerado pela atuação do Diabo no teatro popular apresentava-se como uma forma de libertação transitória das relações hierárquicas, dos privilégios, das regras, dos tabus, dos medos e angústias cotidianas. O Diabo teatral criticava e invertia a ordem religiosa e social, constituindo-se em espaço de liberdade em uma sociedade constantemente controlada pelos preceitos da Igreja Católica (CARVALHO, 2004).

IMAGEM 9 - O MILAGRE DE TEÓFILO, ILUMINURA EM THE DE BRAILES HOURS, 1240



Fonte: British Library, Londres, Inglaterra¹³

¹³ Disponível em: <https://bit.ly/3kxfXgb> Acessado em: 12 nov. de 2024

Na *fabliaux* do Milagre de Teófilo, Nossa Senhora domina e soca o Demônio, enquanto arranca de suas mãos o Pacto que fez com o Padre Teófilo, que vende sua alma para tornar-se Bispo. No final do século XIV a dupla Virgem/Satã adquire uma importância determinante. O tema “Processo de Satã” conheceu grande sucesso nos teatros e representa o controle de Deus sobre o poder maligno (BASCHET, 2006).

As transformações das representações imagéticas do Diabo continuaram ocorrendo após a transição entre a Idade Média e a Modernidade. Durante o Renascimento, no século XVI, esta entidade assumiu características mais antropomórficas, mais semelhantes ao ser humano, embora tenha preservado detalhes de monstruosidade, como cor de pele acinzentada ou avermelhada, pequenos chifres e asas, mas nada comparado ao hibridismo, animalidade e deformidade presente nos séculos XIV e XV. Um exemplo bastante elucidativo desta versão moderna, reflexo de um pensamento antropocêntrico, são os demônios do afresco do Juízo Final, de Luca Signorelli (1509), da Catedral de Orvieto, na Itália. Embora mais fisicamente semelhantes aos seres humanos, estas entidades mantêm a sua função aterrorizante de supliciar as almas condenadas.

FIGURA 10 - DETALHE DO AFRESCO DO JUÍZO FINAL, LUCA SIGNORELLI, 1509.



Fonte: Catedral de Orvieto, Itália¹⁴

Na Modernidade, mais especificamente no século XIX, o Diabo tornou-se tema de inspiração explorada pelo Romantismo, como símbolo de espírito livre, força ancestral da

¹⁴ Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Luca_Signorelli#/media/Ficheiro:Luca_Signorelli_001.jpg. Acesso em: 12 nov. 2024.

natureza e rebelião contra a fé moral tradicional, mas também como paixão, terror ao desconhecido e acesso ao inconsciente (NOGUEIRA, 2002).

IMAGEM 11 - LÚCIFER, FRANZ VON STUCK, 1890.



Fonte: National Gallery for Foreign Art Sofia, Bulgária¹⁵

A pintura “Lúcifer”, de Franz Von Stuck, de 1890, atualmente exposta na National Gallery for Foreign Art, em Sofia/Bulgária (FIGURA 11), traz vários dos elementos do movimento romântico da representação do Diabo (Séc. XIX). Nesta obra, Lúcifer, embora esteja envolto pelo mistério da obscuridade, de onde emerge seu corpo, ainda figura como a Estrela da Manhã, o Portador da Luz. O anjo caído é representado em um ambiente onírico, com luzes difusas, que parecem lutar contra as trevas. Na visualização deste sonho (ou pesadelo), o anjo-demônio parece fixar seus olhos penetrantes nos espectadores da obra, alcançando a parte mais obscura de suas almas. Sua aparência é jovem, forte, vigorosa, repleta de vida e suas asas emplumadas remetem à liberdade. Envolto em trevas, com ar pensativo, ele observa atentamente com a paciência da eternidade, apenas aguardando o momento de agir, colocando à prova as intenções humanas, descobrindo fraquezas e instigando paixões. Desde as trevas, eu te observo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste breve percurso histórico sobre a milenar constituição da imagem do Diabo, personificação do Mal, percebe-se o grande dinamismo teológico, filosófico e artístico (representações imagéticas) que esta entidade adquiriu, conforme as necessidades da Igreja

¹⁵ Disponível em: <https://cutt.ly/8lFeHaa>. Acesso em: 12 nov. 2024.

cristã, principalmente entre os séculos XIV e XV. A caracterização de um Diabo de aparência cada vez mais violenta e predatória, híbrida e aberrante, assustadora e nefanda, se encontra no contexto da ascensão do poder e importância desta entidade maligna dentro da Igreja Católica medieval. Os séculos XIV e XV são de instabilidade para a Igreja, onde se faz necessário, urgente, o surgimento de um motivador de união e controle do “rebanho de fiéis”. Muitos aspectos da iconografia do Diabo, que são preservados até os dias atuais, são configurados e cristalizados neste período. No século XIV (1348-1350), ocorreu a disseminação da Peste Negra, acarretando uma mortandade descontrolada e, como reflexo disso, uma grande desestruturação da sociedade europeia (FRANCO JR, 2012). Esta pandemia teve relevantes desdobramentos psicológicos e ideológicos, que afetaram diretamente a influência da Igreja Católica, que se mostrou ineficiente em controlar o avanço da Peste.

Este também é o período de grandes fomes em todo continente europeu. Como se não bastassem os problemas de completa desarmonia nos regimes de chuvas e secas e um esfriamento severo do clima europeu, gerado por uma “Pequena Era Glacial”, que afetava diretamente a produção agrícola e a criação de animais, pesava também o fato dos campos serem constantemente devastados, por hordas de mercenários que atuavam nos conflitos intermitentes das Guerra dos Cem Anos, em diferentes regiões da Europa.

Completando o quadro, pelo menos desde o século XI, surgem poderosos movimentos heréticos, como o Catarismo, que ameaçam diretamente a autoridade e a ortodoxia da Igreja Católica. A Igreja, principal poder ideológico da sociedade cristã medieval, apresentava-se claudicante frente a todos esses acontecimentos. Um período caótico e violento de inseguranças e necessidades, que constituiu o cenário ideal para o fortalecimento da figura diabólica no imaginário medieval. A concomitância de fomes, guerras, pestes e heresias só poderia ser explicada pela existência de um complô satânico, que colocava em risco a existência da Igreja. Era necessário criar, corporificar, tornar material aos olhos dos fiéis o “Grande Inimigo”, o responsável que ameaçava levar à ruína a humanidade e a Criação. Era necessário temê-lo, estar atento, permanecer próximo à Igreja e seus preceitos salvíficos.

O passar do tempo desconstruiu a relação intrínseca do Diabo com o Mal e com a condenação eterna ao Inferno, enfraquecendo a característica doutrinária religiosa das Igrejas cristãs. Transformado em personagem cômico e, atualmente, cooptado pelas grandes mídias contemporâneas, já não inspira tanto medo, nem representa um dos fundamentos de uma Pedagogia do Medo. De qualquer forma, isto apenas prova que após milênios de existência as características de metamorfose e sedução do Diabo continuam inabaláveis. Seja incutindo

terror, inspirando ou divertindo, ele continua entre nós.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **A Natureza do Bem**. Rio de Janeiro: Editora Sétimo Selo, 2005.

AQUINO, São Tomás de. **De Malo** (Sobre o Mal), Suma Teológica. Rio de Janeiro: Editora Sétimo Selo, 2005. (1272)

BASCHET, Jérôme. Diabo. In. LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (Org.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Bauru: EDUSC, 2006. Pp. 319-330.

BÍBLIA SAGRADA. **MATEUS, 25**: v. 31-34. Edição Pastoral, São Paulo: Paulus, 2004.

BÍBLIA SAGRADA. **TESSALONICENSES, 1**: v. 5-26. Edição Pastoral, São Paulo: Paulus, 2004.

BOTELHO, ROSANA. “**Malditos! Apartai-vos de Mim e ide para o fogo eterno**”: A Construção Imagética do Demônio e do Inferno no Medievo Europeu (Itália/Séc.XV). Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História-Licenciatura da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), como requisito para obtenção do Título de Licenciada em História, sob orientação do Professor Doutor Edison Bisso Cruxen 2017. 68 p. Disponível em: <https://cursos.unipampa.edu.br/cursos/historia/files/2018/03/trabalho-de-conclusao-de-curso-rosana.pdf> Acesso em: 27 out de 2024

BOUCHERON, Patrick. **Como se revoltar?** São Paulo: Editora 34, 2018.

BOUREAU, Alain. **Satã Herético**. Campinas: Editora UNICAMP, 2016.

CABRAL, Alexandre Marques; REZENDE, Jonas. **A redenção da Deus**: Sobre o Diabo e a Inocência. Rio de Janeiro: Via Verita, 2012.

CAEIRO, Ana. **A Monstruosidade ao serviço da Arte Românica Portuguesa**: das fontes à expressão artística. Dissertação apresentada para obtenção do grau de Mestrado em História da Arte e Patrimônio, da Faculdade de Letras, da Universidade de Lisboa, sob orientação do Professor Doutor Pedro Gomes Barbosa, Portugal, 2022. 274p. Disponível em: <https://repositorio.ulisboa.pt/handle/10451/52150> Acesso em 15 set. de 2023

CARVALHO, Luciana Gonçalves de. “O Diabo e o riso na cultura popular”. In. **Enfoques**: Revista Eletrônica dos Alunos do PPGSA da UFRJ, v.3. no. 1, março de 2004.

CLARK, Stuart. **Pensando com Demônios**: A Ideia de Bruxaria no Princípio da Europa Moderna. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

COSTA, Ricardo da; PEREIRA, Evandro Santana. “Ali haverá pranto e ranger de dentes”: O Inferno na Arte e na Filosofia da Idade Média. In. MOURA, Fabricio Nascimento de (org.). **O Poder do Imaginário: Diálogos com a Antiguidade, Medievo e outras temporalidades**. Imperatriz: Ethos, 2016, p. 274-303. Disponível em: <https://www.ricardocosta.com/artigo/ali-havera-pranto-e-ranger-de-dentes>. Acesso em: 21 set. 2024.

DOI: <https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.418>

ISSN: 2447-0244

- DELUMEAU, Jean. **História do Medo no Ocidente**. São Paulo. Companhia das Letras, 2009.
- EYMERICH, Nicolau. **Directorium Inquisitorum** (Manual dos Inquisidores). Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993. (1376/Revisto e ampliado 1578).
- FRANCO JR, Hilário. **O Ano 1000: Tempos de medo ou de esperança?** São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- GINZBURG, Carlo. **História Noturna: Decifrando o Sabá**, São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GUAZZO, Francesco Maria. **Compendium Maleficarum** (1608). Editor John Rodker, Londres: Inglaterra, 1929. Disponível em: <https://archive.org/details/compendium-maleficarum/page/n11/mode/thumb>. Acesso em: 02 fev. 2023
- KAPPLER, Claude. **Monstros, Demônios e Encantamentos no Fim da Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- KELLY, Henry Ansgar. **Satã: Uma Biografia**. São Paulo: Editora Globo, 2008.
- KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. **Malleus Maleficarum** (O Martelo das Feiticeiras), Rio de Janeiro: BestBolso, 2015. (1487)
- LE GOFF, Jacques. **Heróis e Maravilhas da Idade Média**. São Paulo: Editora Vozes, 2011.
- LE GOFF, Jacques. **O Deus da Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- LE GOFF, Jacques. **Una edad media en imágenes**. Paidós, Barcelona: 2009.
- LINK, Luther. **O Diabo: a máscara sem rosto**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- MACEDO, José Rivair. **Riso, Cultura e Sociedade na Idade Média**. Porto Alegre/São Paulo: Editora da Universidade UFRGS/Editora UNESP: 2000.
- MINOIS, Georges. **O Diabo: Origem e Evolução Histórica**. Lisboa: Terramar, 2003a.
- MINOIS, Georges. **História do Riso e do Escárnio**. São Paulo: Editora UNESP, 2003b.
- NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **O Diabo no imaginário cristão**. Bauru: EDUSC, 2002.
- PAPA JOÃO XXII. **Super Illius Specula**, Bula Papal. In. CRUIKSHANK, William., *The Pope and Science*, American Academy of Science, 1907. (1326).
- PLANCY, Collin de. **Dicionário Infernal**. São Paulo: Edusp, 2019 (1863).
- RICHARDS, Jeffrey. **Sexo, Desvio e Danação: As minorias na Idade Média**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- ROBERT, Muchembled. **Uma História do Diabo: Séculos XII-XX**. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2001.

RUSSEL, Jeffrey Burtton. **Lúcifer**: O Diabo na Idade Média. São Paulo: Madras Editora, 2003.

RUSSEL, Jeffrey Burtton; ALEXANDER, Brooks. **História da Bruxaria**. São Paulo: Editora Goya, 2019.

STANFORD, Peter. **O Diabo**: Uma Biografia. Rio de Janeiro: Gryphus, 2003.

ZIERER, Adriana Maria de Souza. O Diabo e suas múltiplas imagens nas iluminuras do Monstro Devorador e do Anjo Caído (século XV): alguns exemplos. In. **Revista Antíteses**, v.9, 17, jan-jun, 2016, p. 12-35. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/24613> Acesso em: 02 fev. de 2023.